

CRIME NA *CALLE*  
RELATOR  
(1985-1987)



*A Luís Jardim*

*“In that ago when being was believing.”*

W. H. AUDEN



## Crime na *calle* Relator

“Achas que matei minha avó?  
O doutor à noite me disse:  
ela não passa desta noite;  
melhor para ela, tranquilize-se.

À meia-noite ela acordou;  
não de todo, a sede somente;  
e pediu: *Dáme pronto, hijita,*  
*una poquita de aguardiente.*

Eu tinha só dezesseis anos;  
só, em casa com a irmã pequena:  
como poder não atender  
a ordem da avó de noventa?

Já vi gente ressuscitar  
com simples gole de cachaça  
*e arrancarse por bulerías*  
gente da mais encorujada.

E mais: se o doutor já dissera  
que da noite não passaria,  
por que negar uma vontade  
que a um condenado se faria?

Fui a esse bar do Pumarejo  
quase esquina de San Luís;  
comprei de fiado uma garrafa  
de aguardente (*cazalla* e anis)

que lhe dei cuidadosamente  
como uma poção de farmácia,  
medida, como uma poção,  
como não se mede a cachaça;

que lhe dei com colher de chá  
como remédio de farmácia:  
*Hijita, bebí lo bastante,*  
disse com ar de comungada.

Logo então voltou a dormir  
sorrindo em si como beata,  
um semissorriso de *gracias*  
aos santos óleos da garrafa.

De manhã acordou já morta,  
e, embora fria e de madeira,  
tinha defunta o riso ainda  
que a aguardente lhe acendera.”

# A tartaruga de Marselha

Sai de casa para matar-se.  
Desce à Corniche, onde Marselha  
não é praia nem porto, é a pique,  
cai a pique num mar de pedras.

Ao sair de casa carrega,  
como jóia, a que possuía:  
a pedra de uma tartaruga,  
pedra viva e de companhia.

Quando quase a precipitar-se,  
vê que levava a tartaruga  
e que ela nada tinha a ver  
com a humanidade e suas cuitas.

Deixa-a na mureta que há  
entre o marselhês e o abismo;  
pensa: sem mim alcançará  
a vez do seu próprio Juízo.

Certo essa pedra tem instintos,  
mesmo se é pouco nela o bicho;  
mas pouco e encolhido na pedra  
ele é animal, e tem caprichos,

um dos quais é querer ainda  
continuar a sentir-se em vida,  
desafiar os riscos do trânsito  
a despenhar-se ali, suicida.

Eis a tartaruga a correr  
como não fazem as tartarugas,  
ei-la que salta da mureta,  
não para o abismo, para a rua,

onde outra espécie tartaruga  
corre com a insensibilidade  
do aço, que se sabe que é de aço  
e o que lhe cabe em homenagem.

Ela então vê que a tartaruga  
nada tem a ver com sua guerra,  
nem pediu para suicidar-se  
junto com ela, contra as pedras.

Apanha o bicho com paciência,  
com ele reatravessa a rua,  
volta a casa para guardá-lo  
no seu ninho de tartaruga.

Mas passa que, chegando em casa,  
aquilo de que ela fugira,  
a guerra doméstica acesa,  
se incendiara mais ainda.



Resguarda a tartaruga e cai:  
não nas pedras que pretendia,  
mas nas outras, mais pontiagudas,  
que entre todos se proferiam.

Cai entre palavras que voam  
como pedras, pedras de briga;  
a guerra estava em plena guerra  
e armistício ninguém queria,

e ela entra nela como quem  
faz assassina a alma suicida.  
No outro dia não se explicava  
por que quis matar-se esse dia.